



## A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO ALUNO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

### *AFFECTIVENESS IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN THE PERSPECTIVE OF THE HIGHER EDUCATION STUDENT*

OKUMURA, Zayra de Lima Bastos<sup>1</sup>

HOLANDA, M. Júlia B. de<sup>2</sup>

XIMENES, Aline Novaes<sup>3</sup>

NASCIMENTO, Cláudia Pinheiro<sup>4</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de acordo com a visão do aluno da Educação Superior, objetivando esclarecer os conceitos de afetividade e aprendizagem, bem como identificar a relação entre elas e investigar a percepção do aluno acerca da temática. Nesse sentido, a pesquisa teve como metodologia a realização de estudo bibliográfico e na sequência pesquisa de campo por meio da aplicação de questionário respondido por alunos da Educação Superior. Assim, por meio da análise dos dados coletados, foi possível identificar que os alunos consideram a afetividade relevante para sua aprendizagem, e que a qualidade das relações estabelecidas no ambiente da Educação Superior pode influenciar de forma positiva ou negativa seu aprendizado. Deste modo, alcançou-se a resposta ao problema da pesquisa que era conhecer a visão do aluno acerca da influência da afetividade em seu processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Afetividade. Aprendizagem. Educação Superior.

#### ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of affectivity in the teaching-learning process according to the vision of the student of higher education, aiming to clarify the concepts of affectivity and learning, as well as to identify the relation between them and to investigate the student's perception about the thematic. In this sense, the research had as methodology the accomplishment of a bibliographic study and in the sequence field research through the application of a questionnaire answered by students of higher education. Thus, through the analysis of the collected data, it was possible to identify that students consider affectivity relevant to their learning, and that the quality of relationships established in the higher education environment can positively or negatively influence their learning. In this way the answer to the research problem was reached, which was to know the student's view of the influence of affectivity in his teaching-learning process.

**Keywords:** Affectivity; learning; college education.

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Projeção – UNIPROJEÇÃO, em 2018.

<sup>2</sup> Mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília - UCB/DF. Membro do Grupo de Pesquisa ECOTRANS - Ecologia dos saberes, Transdisciplinaridade e Educação - UCB/DF. Membro do Grupo de Pesquisa – UnB/CNPQ: Currículo: Concepção Teóricas e Práticas Educativas. Professora do Centro Universitário Projeção de Brasília, DF. E-mail: juliaholanda1@hotmail.com, CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4298961141386037>.

<sup>3</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2008). Membro do Grupo de Pesquisa – UnB/CNPQ: Currículo: Concepções Teóricas e Práticas Educativas. Professora do Centro Universitário UNIPROJEÇÃO e trabalha com estimulação cognitiva e motora com crianças e idosos. Atendimento clínico Psicopedagógico. E-mail: alineximenes@hotmail.com. CV LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4949726197404091>.

<sup>4</sup> Formada em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e Doutora pela Universidade Federal do Pará (UFPA) pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Atualmente é coordenadora dos cursos de História e Geografia pelo Centro Universitário UniProjeção.



## Introdução

Esta pesquisa versa sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do aluno da Educação Superior, e tem como objeto as influências sofridas durante o processo de aprendizagem de acordo com a visão do aluno.

Durante o processo de formação no curso superior, o indivíduo encontra-se adentrando na fase adulta e se vê com a incumbência de dar início a sua vida profissional. A faculdade é o lugar onde o estudante passará anos de sua vida dedicando-se aos estudos, e ali estabelecerá diversos relacionamentos. Assim, nesse misto de responsabilidades, este trabalho importa em analisar a problemática da influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva do aluno da Educação Superior. O aluno sente-se afetado em sua aprendizagem por meio da qualidade das relações estabelecidas na Educação Superior? Fatores externos podem afetar seu aprendizado? É o que se pretende discutir.

Nesse sentido, compreendeu-se como objetivo geral analisar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do aluno da Educação Superior, e como objetivos específicos: conceituar e caracterizar a afetividade e a aprendizagem, identificar a relação entre afetividade e aprendizagem na Educação Superior e investigar a percepção do aluno acerca da afetividade como impulso da aprendizagem na Educação Superior.

Inicialmente foi realizado estudo bibliográfico, conceituou-se a afetividade e a aprendizagem, e nesse sentido foi possível perceber a presença e a necessidade da afetividade ao longo da vida do homem até chegar especificamente na Educação Superior, para qual foi possível tecer as considerações pertinentes sobre a relação direta entre afetividade e aprendizagem. Na sequência foi realizada a pesquisa de campo exploratório, a qual teve como instrumento

um questionário, aplicado a 5 alunos do curso de Pedagogia do Centro Universitário Projeção, localizado em Taguatinga – Distrito Federal.

O presente trabalho foi dividido em duas partes. Inicialmente realizou-se estudo bibliográfico, organizado em três capítulos, os quais objetivaram esclarecer o tema com o respaldo de autores renomados, que têm suas ideias consideradas como princípios norteadores das práticas pedagógicas, e deste modo, foram selecionados em consonância com a referida temática.

Assim, a pesquisa pretende analisar as influências que afetam o processo de aprendizagem de acordo com a visão do aluno da Educação Superior, e chamar atenção para que seja levado em consideração que este aluno, ainda que na fase adulta, encontra-se em pleno desenvolvimento.

## Afetividade e aprendizagem: o que são?

### *Afetividade*

A teoria de Henri Wallon analisa o homem em sua totalidade, levando em consideração os aspectos motor, cognitivo e afetivo, destacando-se entre eles a afetividade e sua relação com os demais campos. A fim de compreender melhor o processo evolutivo humano, seus estudos iniciam-se sobre os primeiros anos de vida do homem, onde busca compreender suas ações predominantemente emotivas nessa fase, mas também levando em consideração a presença relevante da afetividade ao longo de sua vida. Considerando a evolução constante do homem, Wallon foge da linearidade e se vale da lógica dialética para compreender seu complexo desenvolvimento (GALVÃO, 2003).

Wallon adota como método de análise o materialismo dialético para fundamento de sua teoria, num olhar multifacetado, progressivo e dinâmico sobre o desenvolvimento do ser humano, visando compreendê-lo integralmente observando suas mudanças e transformações (PILLETI; ROSSATO, 2017).



Deste modo, o homem não deve ser analisado de maneira fragmentada, mas sim, observando todo seu contexto, bem como o meio em que convive. A organização social que se encontra confere à afetividade diferentes representações em sua vida, o que pode influir intensamente sobre o desenvolvimento humano (WALLON, 1979).

De acordo com Wallon as dimensões cognitivas e afetivas são inseparáveis, pois elas caminham juntas nas diferentes atividades desenvolvidas pelo homem (PILLETI; ROSSATO, 2017). Analisa ainda que, no decorrer do processo de desenvolvimento do homem, cognição e afetividade se estabelecem mutuamente (COUTINHO; MOREIRA, 2001; WALLON, 1979). Além disso, para ele a afetividade concerne à aptidão de o ser humano ser afetado pelo mundo exterior e interior, por meio de percepções positivas ou negativas (ALMEIDA; MAHONEY, 2014; WALLON, 1979). A afetividade é um conceito amplo, e pode se manifestar de várias formas no ser humano (GALVÃO, 2014).

A afetividade está ligada às primeiras manifestações psíquicas da criança, inicialmente vinculada às suas necessidades básicas. Com o passar do tempo o homem concebe mecanismos de controle no que tange às reações afetivas, distribuídos ao seu desenvolvimento em outros aspectos (WALLON, 2007).

Na teoria Walloniana a afetividade é constituída por alguns pontos marcantes, sucessivos e evolutivos, a saber: emoção, sentimento e paixão. A emoção é uma das manifestações desencadeadas pela afetividade, que causa alterações orgânicas no homem por meio de variadas reações físicas visíveis. É a ligação entre o orgânico e o social e tem poder de contagiar quem está a sua volta (ALMEIDA; MAHONEY, 2014).

Desse modo, “as emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação”. São as emoções que desencadeiam os efeitos visíveis, que dão o tom ao real. Compete à emoção realizar o vínculo entre as

reações orgânicas e psíquicas (WALLON, 2007, p. 121).

Ao longo da evolução, “as emoções, que são a exteriorização da afetividade, ensejam assim mudanças que tendem a reduzi-las”. O homem vai concebendo maneiras diferentes de lidar com as emoções, o que não as tornam inexistentes, mas sim, vão surgindo novas formas de controle e ajuste das emoções ao longo do desenvolvimento humano (WALLON, 2007, p. 124).

Acerca do processo evolutivo da afetividade, diferente da emoção, o sentimento é mais ameno, não segue de uma reação intensa. Deste modo, o homem tem maiores condições de observar e raciocinar a respeito, podendo até reprimir suas reações instintivas. A paixão surge com a evolução cognitiva do ser humano, permeia a abstração como poder de autocontrole e domínio do comportamento (ALMEIDA; MAHONEY, 2014; WALLON, 2007).

A fim de compreender o processo evolutivo do homem, Wallon (1979) o distribuiu em estágios que expressam suas características:

Quadro 1 – Evolução do homem segundo Wallon (1979) na perspectiva afetiva:

<b>Impulsivo</b>	O primeiro estágio inicia-se imediatamente após o nascimento. Aqui as ações são puramente impulsivas, levadas pela satisfação ou frustração das necessidades básicas e fisiológicas do indivíduo.
<b>Sensório Motor</b>	Os progressos do desenvolvimento motor e o aparecimento da linguagem são o ponto de partida da evolução das reações afetivas. O equilíbrio, a manipulação bimotora, a exploração das formas e a fala são determinantes para que a criança reclame e provoque a presença afetiva.
<b>Personalista</b>	Permeia o subjetivismo das relações. A criança percebe as coisas ao seu redor e interage com o meio. Ela nota a si, ao outro e ao mundo. Inicia-se a fase escolar e as descobertas ao externo. Realiza atividades de complexidade cognitiva.
<b>Puberdade</b>	É a passagem da infância para a adolescência. Ocorrem as transformações corporais, os questionamentos sobre a vida. Busca a independência e procura exercer sua autonomia a fim de se autoafirmar.
<b>Idade adulta</b>	O adulto é o mesmo ser de quando criança. Tem seus valores e procura fazer suas



	escolhas com base neles. Aqui reflete toda a evolução afetiva ocorrida ao longo de sua vida. O adulto conhece suas limitações, sentimentos e necessidades.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora com base em Wallon (1979).

Embora a afetividade se manifeste de maneiras distintas conforme a evolução cognitiva acontece, é possível afirmar que, para Wallon, ela permeia todas as fases do ser humano de modo dialético e de acordo com os recursos que ele dispõe em cada fase que se encontra (GALVÃO, 2014).

Ao aprofundar o estudo sobre a afetividade e sua fundamental importância para o desenvolvimento humano, fica evidente a necessidade de a mesma ocupar a atenção aos espaços escolares de modo benéfico como impulso para melhor efetivação da aprendizagem.

#### *Aprendizagem*

A aprendizagem é um dos processos inerentes ao desenvolvimento humano, e para que ocorra a aprendizagem é necessário que o homem estabeleça relações sociais. Assim, vale destacar a importância da abordagem de Vigotsky, que concebe o homem como um ser social, e acredita que seu desenvolvimento se consolida através de suas relações com o outro. A cultura torna-se intrínseca à natureza humana, assim fazendo parte do desenvolvimento psicológico do indivíduo. Portanto, ele acredita que não se deve analisar o desenvolvimento humano de modo engessado, apenas numa perspectiva fisiológica, mas, sim considerar as questões de relacionamento que são mediadas pelos signos constituídos culturalmente (LA TAILLE, 2016; VIGOTSKY, 2000).

Com isso, cabe observar a forte ligação entre o desenvolvimento dos processos psicológicos e as relações sociais entre os indivíduos, haja vista que:

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento

independente da criança. (VIGOTSKY, 2000, p. 117-118).

Todavia, o aprendizado ocorre na vida das crianças muito antes da fase escolar, isto é, desde seu nascimento. A todo o momento as crianças estão se desenvolvendo e aprendendo conceitos nas práticas diárias, seja com as pessoas próximas ou em suas próprias descobertas. Desse modo, é possível afirmar que a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados ao longo do processo de evolução do homem (VIGOTSKY, 2000).

Vale ressaltar que o aprendizado que ocorre antes da fase escolar é diferente do aprendizado que ocorre durante a vida escolar. Ao entrar na escola a criança entrará em contato com conteúdos sistematizados e previamente organizados, diferente da forma como aprendia anteriormente, trazendo à tona uma nova dimensão para o aprendizado, uma análise acerca da relação entre o seu processo de aprendizagem e o estágio do desenvolvimento que se encontra (VIGOTSKY, 2000).

A fim de compreender melhor a capacidade de aprendizagem relacionando-a ao processo de desenvolvimento, faz-se necessário o conhecimento de alguns dos conceitos pertinentes à teoria de Vigotsky, entre eles: o nível de desenvolvimento real, e a zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKY, 2000).

O nível de desenvolvimento real compreende “o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados”. Nesse nível a criança aprende o que é possível ser aprendido de acordo com o seu nível de maturação (VIGOTSKY, 2000, p. 111).

A zona de desenvolvimento proximal, é que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”. (VIGOTSKY, 2000, p. 113).

A zona de desenvolvimento proximal se



refere ao curso do processo de desenvolvimento e maturação da criança. É essa função que permite que o indivíduo ultrapasse suas aprendizagens atuais. Assim, é possível afirmar que

[...] o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKY, 2000, p. 113).

Esses conceitos são de grande relevância para compreender o processo de aprendizagem, uma vez que, munidos dessas informações, educadores em geral são capazes compreender melhor o processo de desenvolvimento interno do indivíduo, e nesse momento já sabem o que ele contemplou como aprendido e o que ainda pode vir a aprender (VIGOTSKY, 2000).

Assim, é importante mencionar que aprendizado e desenvolvimento, embora inter-relacionados não se desenvolvem na mesma medida, uma vez que, deve ser respeitada a individualidade do ser humano nos processos de aprendizagem, bem como a sua maturação. O desenvolvimento não é linear e pode ser marcado por crises e rupturas, entretanto, os processos de aprendizagem têm grande influência para o desenvolvimento. Num dado momento a criança pode retornar para o nível anterior de desenvolvimento, e isso é plenamente possível e individual, assim não há como falar em regularidade entre desenvolvimento e aprendizagem. Todavia, torna-se necessário considerar que o aprendizado devidamente organizado implica também em desenvolvimento mental (VIGOTSKY, 2000).

Nesse sentido, é válido ressaltar a importância do professor nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que ele é o mediador responsável e capaz de estimular o indivíduo a avançar em seus conhecimentos, fazendo os ajustes necessários para que este processo seja devidamente efetivado (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Quadro 2 - Síntese dos conceitos de

afetividade e aprendizagem em Wallon e Vygotsky na perspectiva da Educação Superior:

PERSPECTIVAS	EDUCAÇÃO SUPERIOR
<b>AFETIVIDADE WALLON</b>	Cabe aqui reconhecer que a afetividade é de suma importância para o contexto da Educação Superior, uma vez que, conforme a teoria Walloniana ilustra, a afetividade perpassa todo o desenvolvimento humano, inclusive até a fase adulta. Assim, entende-se que a mesma deve ser motivo de reflexão nos espaços escolares em todas as faixas etárias a fim de colaborar para a formação do ser humano em sua totalidade, princípio básico desta teoria.
<b>APRENDIZAGEM VYGOTSKY</b>	A teoria de Vygotsky discorre acerca da relação das interações sociais e da aprendizagem, bem como estuda a forma como o indivíduo aprende, apresentando dois conceitos de suma importância: a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal. Fazendo uma analogia na relação desses conceitos com a Educação Superior, é possível compreender que as relações sociais precisam ser valorizadas e é necessário ter entendimento os alunos, ainda que na fase adulta, estão em constante evolução, e que as zonas de desenvolvimento que se encontram devem ser analisadas, respeitadas e estimuladas, para que ocorra a plena aprendizagem.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas teorias de Wallon (1979) e Vygotsky (2000).

Portanto, é possível perceber que as teorias apresentadas são relevantes para o contexto da Educação Superior, uma vez que o ser humano, ser social e afetivo, está em constante desenvolvimento, e ainda que na fase adulta, é de suma importância análise e reflexão dessas teorias.

Nesse sentido, para melhor compreensão, o capítulo seguinte abordará a relação entre a afetividade e a aprendizagem aprofundando os estudos acerca da temática na Educação Superior.

### **A relação entre afetividade e aprendizagem na educação superior**

Ao iniciar os estudos sobre afetividade



no ambiente escolar, vale trazer à tona o conceito de meio, pertinente a teoria walloniana, o qual engloba vários aspectos, entre eles: o meio físico-químico, o meio biológico e o meio social. Para o presente trabalho cabe a análise do meio social. Nesse sentido, Wallon entende que “o meio é o complemento indispensável do ser vivo. Deve responder às suas necessidades e às suas aptidões sensório-motoras depois psicomotoras” (WALLON, 1979, p. 162).

Desse modo, sociedade coloca o homem em diversos ambientes, que possibilitam sua evolução e diferenciação dos demais seres. Entre esses ambientes está a escola, que é um lugar aonde as pessoas vão em busca de instrução, mas é também um local onde há diversidade de indivíduos, vindos de outros meios sociais que vão também se relacionar e trocar experiências. Assim “vários meios podem, portanto, recortar-se no mesmo indivíduo e até encontrar-se em conflito” (WALLON, 1979, p.165).

Sendo a escola um espaço de diversidade, que propicia ao aluno convivência com variados grupos, desenvolve uma importante tarefa no papel da formação da personalidade, haja vista que, quanto maior for a interação, maior será seu conhecimento acerca das relações sociais, o que tende a enriquecer a formação da personalidade do indivíduo (GALVÃO, 2014).

Ao estudar o homem e seu desenvolvimento, a teoria psicogenética de Wallon serviu de grande contribuição para a área da educação, onde possibilitou analisar os métodos de aplicação da prática pedagógica de modo a relacioná-los às demandas dos alunos, tentando assim melhor qualidade nos processos e resultados de tal prática (GALVÃO, 2014).

Realizando a análise da pessoa como um todo, a teoria de Wallon provoca uma reflexão em escala pedagógica, acarretando sua execução no sentido de desenvolver as necessidades dos alunos em todos os seus aspectos: motor, afetivo e cognitivo, possibilitando promover seu desenvolvimento integral (GALVÃO, 2014).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a prática pedagógica baseada na psicogenética Walloniana não busca apenas o desenvolvimento intelectual como meta única e principal da área educativa, mas sim, avalia-se como uma parte do processo para atingir a meta máxima, que é o desenvolvimento integral da pessoa, afinal nessa teoria o cognitivo é visto como uma parte no todo da pessoa (GALVÃO, 2014).

Para Wallon, o papel da educação na formação do aluno deve estar relacionado ao seu desenvolvimento como um todo, e não somente limitar-se aos processos de instrução. Não é suficiente focar os procedimentos relacionados aos conteúdos, faz-se necessário que sejam levadas em consideração as relações sociais, também abrangidas no processo (PILETTI; ROSSATO, 2017).

A fim de aprimorar a prática pedagógica e as relações sociais no ambiente escolar, o planejamento das atividades escolares deve ser abrangente, de modo a incluir todos os componentes presentes no processo: parte física, materiais, gestão do tempo, observação do momento adequado de realizar cada atividade, entre outros necessários (GALVÃO, 2014).

É sabido que compreender o sujeito como um todo implica em analisar sua interação com o meio, e no ambiente escolar faz-se necessário buscar a compreensão dos comportamentos e das dificuldades dos alunos de maneira contextualizada, com base nas relações estabelecidas entre eles e o meio (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Wallon também entende que manter a atenção do aluno exige dedicação do educador. O aprendizado precisa ser alimentado ao invés de reprimido. É preciso fazer com que, baseado em suas próprias descobertas o indivíduo aprenda, trabalhando para que suas próprias necessidades determinem seu aprendizado. Mas, deve ser levado em consideração que cada pessoa é única, e o que pode ser motivador para uma, pode não ser para outra. Assim, a vida afetiva está em íntima conexão com o aprendizado, e nesse sentido é possível perceber visivelmente



até mesmo por meio do tônus muscular, posturas corporais, as manifestações acerca da efetivação da aprendizagem, ou até mesmo a desatenção do aluno (WALLON, 1979).

A relação entre professor e aluno é de extrema importância para o contexto educacional, uma vez que o professor é o profissional diretamente envolvido no processo. Essa relação possibilita ao aluno desenvolver-se em seus aspectos cognitivo, motor e afetivo. O professor não é uma máquina de repassar conteúdo, ele também é uma pessoa completa, possuidora de sentimentos, em pleno desenvolvimento e transformação. Há também que se levar em consideração que o professor passa pelo mesmo processo, uma vez que, ao pensar e executar a prática pedagógica o mesmo desenvolve e amplia suas relações com o meio (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Para melhor compreender as relações envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, vale retomar os conceitos de Wallon acerca da afetividade e emoção, bem como analisar a importância da sua distinção no ambiente escolar. Conforme apresentado anteriormente, a afetividade refere-se a um conceito macro, que abarca a emoção. Por meio das manifestações emotivas é possível realizar uma análise mais específica a respeito do aluno e suas necessidades. Através de sua postura física, da fala, dos traços faciais e suas ações diante das situações que lhe ocorrem no ambiente escolar é possível que se identifique seu estado emotivo, ora demonstrado pela raiva, felicidade, satisfação, tranquilidade, entre outros (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Para Wallon (1979), comprometimentos afetivos podem desencadear dificuldades para o pleno desenvolvimento cognitivo. Assim, é importante que haja uma relação empática no sentido de colocar-se no lugar do outro e ponderar as ações sob uma ótica que compreenda os limites, anseios e possibilidades de cada um (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Acerca das considerações apresentadas, vale mencionar a posição de Carl Rogers

sobre a afetividade no ambiente escolar e sua importância para o processo de ensino-aprendizagem.

Rogers (1977) afirma que assim como o cliente é o centro da psicoterapia, a educação também deve ser centrada na pessoa do aluno, sendo cada vez mais possível aplicar à educação o que é apropriado à psicoterapia, levando em conta as inúmeras interações no ambiente escolar entre professores e alunos (PILETTI; ROSSATO, 2017; ROGERS, 1977).

Nesse sentido, Rogers (1977) afirma que na educação é válido também como condição para a aprendizagem, desenvolver posturas que permitam um crescimento saudável. O autor considera importantes os recursos utilizados pelo professor para ministrar suas aulas, mas, afirma não serem suficientes para um pleno desenvolvimento. Diante disso:

[...] a iniciação de tal aprendizagem não se baseia nas habilidades de ensinar que um líder, no seu conhecimento erudito do campo, no planejamento do currículo, no uso de subsídios audiovisuais, na programação do computador utilizado, nas palestras e aulas expositivas, na abundância de livros, embora tudo isso possa, uma vez ou outra ser empregado como recurso importante. Não, a facilitação da aprendizagem significativa baseia-se em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz (ROGERS, 1977, p. 111).

Em parte de seus estudos Rogers dedicou-se a analisar as características que aplicadas facilitam a aprendizagem, as quais se baseiam em comportamentos que ocorrem no relacionamento interpessoal entre educador e aprendiz. São atitudes que o professor deve executar em sua prática pedagógica a fim de facilitar a aprendizagem de seus alunos, a saber: autenticidade do professor, aceitação do aluno e compreensão empática (ROGERS, 1977).

A autenticidade se refere à característica de o professor apresentar-se como ele é, uma pessoa real, sem adotar uma aparência previamente determinada ou escolhida para



relacionar-se com seus alunos. É importante que seja ele próprio, e não uma materialização curricular ou apenas um canal de repasse de conhecimento (ROGERS, 1977).

A aceitação faz referência à capacidade de ter apreço pelo aluno, aceitá-lo, respeitar seus sentimentos, suas opiniões, sua pessoa. Entender que o aluno é um ser humano imperfeito, dotado de sentimentos e potencialidades. Esse sentimento resulta numa relação de confiança e estima que possibilita segurança ao caminhar junto no processo de aprendizagem (ROGERS, 1977).

A compreensão empática diz respeito ao professor que compreende verdadeiramente as reações de seus alunos, sem a crítica e o exame da figura do avaliador. É o colocar-se no lugar do outro, olhar com os olhos do outro, de modo a compreender as reações íntimas do aluno (ROGERS, 1977).

Cabe aqui ponderar que Rogers considera a autenticidade como a mais importante das atitudes. Ser autêntico, real, significa conhecer-se, ter certeza de sua verdade, e ter em mente que em dado momento essa verdade pode não ser aceita pelo outro. Assim, só é possível dizer ser verdadeiramente honesto com o outro quando a pessoa conhece a si mesma (ROGERS, 1977).

Vale ressaltar que, antes de tudo, é necessário que o professor tenha como primeira condição a confiança no organismo humano, a capacidade de reconhecer que todos os indivíduos têm a possibilidade de desenvolver sua potencialidade individual e assim, o professor será capaz de promover todas as oportunidades que lhe forem possíveis e permitir que o aluno faça suas próprias escolhas para seu melhor aprendizado (ROGERS, 1977).

Assim, vale citar que:

[...] Quando um facilitador cria, mesmo em grau modesto, um clima de sala de aula caracterizado por tudo que pode empreender de autenticidade, apreço e empatia; quando confia na tendência construtiva do indivíduo e do grupo; descobre, então, que inaugurou uma revolução educacional. Ocorre uma aprendizagem de

qualidade diferente, um processo de ritmo diverso, com maior grau de penetração. Sentimentos – positivos, negativos, difusos – tornam-se uma parte da experiência de uma sala de aula. Aprendizagem transforma-se em vida, e vida mais existencial. Dessa forma, o aluno, com entusiasmo, às vezes, relutantemente, em outros casos, comporta-se como alguém que está passando por uma aprendizagem, por uma certa mudança (ROGERS, 1977, p. 120).

Ante o exposto, é possível afirmar que é tarefa do professor promover na sala de aula um ambiente facilitador da aprendizagem, em meio a um clima de aceitação e confiança, onde o mesmo valoriza e demonstra interesse pelos campos emocionais e cognitivos de seus alunos, corroborando para seu pleno desenvolvimento (PILETTI; ROSSATO, 2017).

Corroborando com Rogers, Antoni Zabala (1998) analisa sobre a importância da harmonia das relações no ambiente escolar para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Para ele é fundamental que sejam estabelecidas relações onde imperem a confiança, a aceitação, o respeito mútuo e a sinceridade, de modo a valorizar a autonomia e a responsabilidade dos alunos na realização de seus trabalhos, promovendo também a cooperação e a interação entre o grupo escolar. Assim:

[...] A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço [...]

E isto é assim porque na aprendizagem intervêm numerosos aspectos do tipo afetivo e relacional, de maneira que o processo seguido e os resultados obtidos adquirem um papel definitivo na construção do conceito que se tem de si mesmo, na maneira de se ver e se avaliar e, em geral no autoconceito. Ao mesmo tempo, este autoconceito influi na maneira de se situar frente à aprendizagem: com mais ou menos segurança, ilusão, expectativas (ZABALA, 1998, p. 100).

Libâneo também reforça a ideia da importância da presença dos aspectos afetivos e emocionais no contexto escolar como uma das partes essenciais a serem consideradas acerca das condições organizativas do





trabalho docente. Conceitua que os aspectos socioemocionais envolvidos no âmbito da educação “se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos” (LIBÂNEO, 2013, p. 276).

Nesse sentido, o autor pondera acerca da autoridade exercida pelo professor em sala de aula. A autoridade é qualidade atribuída ao professor por sua condição intelectual, moral e técnica, é atributo inerente à profissão a qual deve ser exercida de modo a estimular a autonomia dos alunos, bem como mediar os conhecimentos. Assim, o presente autor destaca para a importância de exercer a autoridade de modo sensato, levando em consideração os aspectos socioemocionais envolvidos na relação professor e alunos, para tanto: “A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la” (LIBÂNEO, 2013, p. 276).

Considerando a importância dos aspectos socioemocionais para a aprendizagem, Libâneo também explica que a relação entre professor e alunos deve demandar cautela no sentido de evitar o afeto seletivo. O autor avalia que não deve haver por parte do professor sentimentos paternos, familiares ou de amor por seus alunos, mas sim, relação respeitosa pelo grupo, ainda que em algum momento precise atender de maneira individual a demanda especial de algum aluno, as atenções devem estar voltadas para as atividades a serem desenvolvidas e a interação de todos os alunos (LIBÂNEO, 2013).

Vale também fazer referência acerca dos estudos de Paulo Freire (2017), renomado autor que também aborda a relação entre afetividade e aprendizagem em seus estudos.

Ele considera de suma importância que aspectos afetivos estejam presentes nas práticas pedagógicas, uma vez que a docência é uma atividade que se desenvolve em meio às relações e interações sociais, nesse sentido, afirma que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade<sup>5</sup>” (FREIRE, 2017, p. 138).

Freire entende que a afetividade não é algo que deva ser motivo de embaraço para profissão docente, mas que deve ser vista como uma condição para o exercício pleno da atividade. Assim, discorre acerca da importância de se estabelecer relações saudáveis entre professores e alunos independentemente da idade do educando em questão:

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando [...] (FREIRE, 2017, p. 141).

Para melhor compreensão dos conceitos apresentados, vale analisá-los por meio de um quadro explicativo, onde, de modo abreviado e objetivo pretende esclarecer as percepções dos autores acerca da temática.

Quadro 3 - Perspectivas acerca da relação entre afetividade e aprendizagem segundo os autores supramencionados:

Autores	Afetividade	Aprendizagem
<b>Wallon (1979)</b>	É necessário que haja preocupação com o desenvolvimento integral do aluno, e isso torna o campo afetivo tão primordial quanto o motor e o cognitivo.	Considera que, por meio da análise do estado emotivo dos alunos, bem como suas reações, é possível traçar estratégias pedagógicas de modo a estimular a aprendizagem.
<b>Rogers (1977)</b>	É de suma importância estabelecer relações positivas nos relacionamentos interpessoais de professores e alunos.	Acredita que a aprendizagem não se baseia somente nos conteúdos e na aptidão do professor em ensinar, mas também em características positivas que estabelecidas entre professor e alunos, favorecem a aprendizagem.
<b>Zabala (1998)</b>	Acredita que a harmonia das relações e do ambiente, devem ser levados em consideração no meio escolar.	O processo de ensino-aprendizagem sofre intervenções de cunho afetivo, e isso faz com que a aprendizagem seja impulsionada quando as relações estabelecidas são positivas.
<b>Libâneo (2013)</b>	Entende que aspectos socioemocionais devem ser apreciados no contexto escolar.	Considera que estimular a autonomia dos alunos e exercer a autoridade de modo sensato, é qualidade favorecedora para a aprendizagem.

<sup>5</sup> Cognoscível: que se pode conhecer (FERREIRA, 2010)



<b>Freire (2017)</b>	A afetividade positiva é algo que deve ser visto como condição para a ação docente.	A aprendizagem plena ocorre quando as relações constituídas no meio escolar são levadas em consideração.
----------------------	---	--

Fonte: Elaborado pela autora com base em Wallon (1979); Rogers (1977); Zabala (1998); Libâneo (2013); Freire (2017).

Assim, observando o objetivo geral do presente trabalho, é possível verificar e enfatizar a importância da análise dos aspectos que ensejam afetivamente no contexto da Educação Superior como impulso para a aprendizagem, uma vez que, independentemente da idade, o indivíduo está em constante processo de socialização e aprendizagem.

### **A percepção do aluno acerca da afetividade como impulso para a aprendizagem na educação superior**

Cabe nesse momento averiguar se, conforme as percepções dos alunos, a afetividade apresentada nos capítulos anteriores é algo que entusiasma ou não o seu processo de aprendizagem.

Para respaldar a análise, foram consideradas as ideias de Nelson Piletti sobre a influência das percepções nas interações no ambiente escolar. Em seguida ressaltou-se o entendimento de Paulo Freire acerca da percepção que o aluno tem sobre o professor. Nesse sentido, compete esclarecer os benefícios de se estabelecer relações positivas a fim de impulsionar a aprendizagem conforme os autores Pedro Morales e Mike Ollerton.

Quando se trata do processo de ensino-aprendizagem geralmente é falado a respeito dos conteúdos sistematizados a serem seguidos, porém, se a atenção é fixada apenas nesse ponto, o processo pode ficar a desejar, uma vez que existem aspectos de suma importância, envolvidos nessa temática, que vão além dos conteúdos propriamente ditos e para que o processo de ensino-aprendizagem seja motivador para o aluno, eles devem ser levados em consideração (MORALES, 2001).

De acordo com o estudo apresentado nos capítulos anteriores é possível perceber que o processo de ensino-aprendizagem é

dialético e que dele depreendem-se diferentes faces que estão interligadas em sua atuação corroborando para seu sucesso, entre elas a afetividade. Deste modo, os personagens centrais nesse processo, aluno e professor, são o alvo das reflexões acerca das relações sociais no ambiente educacional (PILLETI, 2013).

Nesse sentido, cabe entender por interação social que há um:

[...] processo de influência mútua que as pessoas exercem entre si. Assim, numa sala de aula, o professor exerce influência sobre os alunos e estes sobre o professor e os companheiros [...] (PILLETI, 2013, p. 145).

Em meio às interações sociais, as pessoas vão despertando umas nas outras sentimentos diferentes, seja de alegria ou de aversão, resultando igualmente em comportamentos e percepções que umas têm das outras nas variadas vertentes de relacionamento no ambiente educacional, seja aluno e professor ou aluno e aluno (PILLETI, 2013).

A tendência em rotular as pessoas é algo comum, entretanto, isso não é benéfico para as relações. A percepção que se tem acerca das pessoas tende a influir no tipo de relacionamento que um indivíduo estabelece com o outro, gerando sentimentos de agrado ou desagrado, aproximação ou afastamento. Deste modo, a percepção e a interação se estabelecem de forma interdependente, uma vez que o indivíduo constituirá uma boa relação com as pessoas que ele tem uma boa percepção e vice versa (PILLETI, 2013).

Falar sobre a percepção do aluno acerca da afetividade no ambiente da Educação Superior requer que seja feita análise da visão que este tem de seu professor, profissional que atua diretamente na execução do processo de ensino-aprendizagem, assim, cabe apresentar as ideias de Paulo Freire acerca da temática.

Todo professor tem uma forma de conduzir seu trabalho no ambiente escolar, e nenhum professor passa por seus alunos sem deixar sua marca, seja positiva ou negativa



(FREIRE, 2017).

Os alunos possuem suas percepções acerca das ações dos professores, e isso deve ser motivo de reflexão para o docente em sua prática pedagógica. Entre atitudes que causam embaraço é possível mencionar a autoridade exasperada, ou até mesmo se um professor fala de tal maneira e age de outra. Essas entre outras atitudes, podem se tornar algo negativo frente ao pensamento dos alunos (FREIRE, 2017).

Paulo Freire também pondera e relaciona o pensamento dos alunos com a atuação do professor no sentido de que não é necessário que o professor seja um refém daquilo que o aluno pensa a seu respeito, uma vez que o pensamento do aluno pode não ser condizente com a prática real do professor. Porém, é de suma importância que o professor esteja atento aos comportamentos de seus alunos e que procure saber compreendê-los em suas ações, seja num silêncio, uma pergunta feita de forma ríspida ou até um sorriso (FREIRE, 2017).

Compreende-se então que não é possível esquivar-se da apreciação dos alunos, mas, é importante esforçar-se para que haja coerência na atuação e na fala, e isso sendo visto por eles, proporcionará um clima de sinceridade e solidariedade, fortalecendo as relações de modo a facilitar o aprendizado (FREIRE, 2017).

A visão que o aluno tem do professor não é uma regra a ser seguida, mas pode ser vista como um direcionamento para acessar o íntimo do aluno, a fim de estabelecer melhorias na relação (MORALES, 2001).

Para tornar eficiente a relação professor-aluno é interessante que o professor invista em criar na sala de aula um ambiente pacífico, fazendo com que seu aluno sinta-se seguro o suficiente para que o aprendizado se torne viável e eficaz. Assim, mesmo diante de uma disciplina considerada difícil o aluno não sentirá angústia em estudá-la (MORALES, 2001).

O clima em sala de aula é de suma importância para a eficiência do aprendizado, conforme alerta Mike Ollerton:

A atmosfera em que ocorre o aprendizado é de suma importância. Toda pessoa é afetada até certo ponto pelo contexto no qual trabalha. Para estudar como as pessoas aprendem, devo refletir sobre o tipo de atmosfera de aprendizagem que desejo criar (OLLERTON, 2006, p. 25).

É comum perceber alunos sentindo-se inseguros diante de questões fáceis em uma prova. Ficam buscando onde está o erro ou a armadilha. Isso demonstra muitas vezes que a relação está instável, que paira um clima de medo e desconfiança, e isso não favorece o aprendizado, pelo contrário, é necessário paz e confiança na relação para dar sentido ao que se vai aprendendo (MORALES, 2001).

Deste modo, é interessante analisar a conduta do professor e a influência que é exercida no aluno:

Não basta o que o professor faz; é necessário que o aluno perceba o interesse do professor. O trato do professor com alunos concretos (ou com todos, cada um em seu momento) tem um impacto muito poderoso nos alunos. Talvez nós, professores, não pensemos no que supõe para alguns alunos ver que o professor se fixou neles, que sabe que existem, que não passam despercebidos. A disponibilidade, o interesse etc. têm de ser comunicados aos alunos. E tal comunicação afeta a percepção que eles têm do professor e, conseqüentemente, influi em sua dedicação às tarefas de aprendizado (MORALES, 2001, p. 60).

A dedicação do aluno está diretamente relacionada à influência da conduta do professor. O aluno sente-se motivado quando considera bom seu relacionamento com o professor, quando se sente valorizado, quando tem uma atenção positiva, quando se sente querido (MORALES, 2001).

Entretanto, vale ressaltar também que “a dedicação do aluno influi muito sobre as condutas do professor”, uma vez que se o professor percebe que o aluno é motivado, dedicado, ele concederá maior atenção a este aluno. Porém, se o professor percebe que o aluno está apático e desinteressado, esse professor certamente se sentirá desmotivado a empenhar-se mais em suas atividades



(MORALES, 2001, p. 63).

Diante disso, é possível compreender que essa influência é mútua. Um ensina o outro. Todos os momentos de todas as aulas são um aprendizado para ambos, desde as aulas incômodas até as aulas extraordinárias (MORALES, 2001).

Nesse cenário de influência mútua é interessante que o professor perceba que o bom relacionamento com os alunos pode motivar confiança em seu trabalho, conforme orienta Ollerton:

[...] a confiança gera a competência. Da mesma forma, quanto mais competente me torno, mais confiante eu fico em relação a minhas abordagens de ensino e a minhas habilidades de desenvolver boas relações com os alunos, ajudando-os a desenvolver boas relações com a aprendizagem (OLLERTON, 2006, p. 72).

Estabelecer relações positivas e investir em tarefas interessantes são meios para que o aluno sintam-se motivado a se dedicar nos estudos. Assim, é possível compreender que o tipo de relacionamento que o professor estabelece com seu aluno é algo que influencia na aprendizagem deste, de forma benéfica ou não (OLLERTON, 2006).

### **Apresentação, discussão e análise dos dados coletados**

Com o propósito de enriquecer a contextualização teórica do presente trabalho, foi realizada pesquisa de campo exploratório por meio de questionário respondido por cinco alunos do curso de Pedagogia com a finalidade de averiguar suas percepções acerca da temática da influência da afetividade para o seu processo de aprendizagem.

A fim de preservar a identidade dos participantes, os mesmos serão denominados: A1, A2, A3, A4 e A5.

#### **Primeira pergunta: Qual a sua idade?**

- A1 – 22
- A2 – 29
- A3 – 21
- A4 – 20
- A5 – 22

A respeito da idade dos alunos, foi possível verificar que todos estão entre 20 e 29 anos de idade.

#### **Segunda pergunta: Qual semestre você está cursando?**

Todos participantes responderam que estão cursando o 7º semestre do curso de Pedagogia.

#### **Terceira pergunta: Para você, questões exteriores podem afetar positivamente ou negativamente o seu humor no dia-a-dia?**

Todos os participantes assinalaram SIM.

Acerca da resposta apresentada é possível compreender que, conforme orienta Wallon, o indivíduo pode ser afetado pelo mundo exterior, e isso pode vir a refletir em seu estado emocional. Nesse sentido, entende-se que os participantes sentem-se afetados de forma positiva ou negativa por fatores externos, e que isso pode vir a refletir nas diversas áreas de suas vidas, de várias formas (ALMEIDA; MAHONEY, 2014; WALLON, 1979).

#### **Quarta pergunta: De zero a dez, como considera sua relação com seus professores na faculdade?**

De acordo com a análise acerca das respostas apresentadas no gráfico acima, identifica-se que a maior parte os participantes assinalou o item “7 a 10”, considerando “muito boa” a relação estabelecida com seus professores de faculdade. Nota-se também que a menor parcela assinalou a opção de “4 a 6”, considerando como “boa” a relação com os professores, e nenhum dos participantes assinalou o item “0 a 3” ruim.

Conforme os estudos bibliográficos realizados ao longo deste trabalho, vários fatores podem influenciar para que os alunos ponderem acerca das relações estabelecidas com os professores. Rogers (1977) discorre acerca das condutas do professor, a fim de estabelecer um bom relacionamento, Zabala (1998) relata sobre o clima no ambiente



educacional, Libâneo (2017) pondera acerca dos vínculos socioemocionais estabelecidos nas relações. Esses e outros entendimentos permitem a análise que o relacionamento interpessoal entre professores e alunos demanda uma série de condições para que sejam analisados, fazendo com essa percepção seja de acordo com o pensamento de cada indivíduo.

**Quinta pergunta: De zero a dez, como considera sua relação com seus colegas de faculdade?**

Todos os participantes assinalaram o item “7 a 10”, considerando a relação com os colegas de faculdade “muito boa”.

Isso reforça a ideia de Vigotsky (2000), que compreende o homem como um ser social. Nesse sentido, Pilleti (2013) aborda que as interações sociais despertam sentimentos diferentes nas pessoas, e isso varia conforme a percepção que cada uma idealiza da outra, assim, tornando percepção e interação interdependentes, uma vez que o indivíduo constituirá boas relações com as pessoas que ele tem boa percepção e vice versa.

**Sexta pergunta: Você considera relevante para a sua aprendizagem manter bons relacionamentos com seus colegas e professores?**

Todos os participantes assinalaram SIM.

Para Ollerton (2006) e Pilleti (2013) a interação social entre alunos-alunos e alunos-professores reflete num processo de influência recíproca, e o clima em sala e o tipo de relacionamentos estabelecidos podem influenciar na forma como o aluno aprende. Nesse sentido, Morales (2001) analisa que esta influência é mútua, e o aluno sente-se motivado quando considera bom o relacionamento com seu professor, tornando isso um fator relevante para a sua aprendizagem.

**Sétima pergunta: No seu processo de formação no ensino superior, quantos**

**professores marcaram a sua trajetória positivamente?**

Observa-se, conforme análise das respostas, todos os participantes consideraram ter algum professor que tenha marcado sua trajetória no ensino superior positivamente. Ressalta-se que a maioria dos participantes assinalou o item “menos de 5”, considerando que menos de 5 professores marcaram positivamente a sua trajetória no ensino superior. E que a menor parcela assinalou a opção “mais de 5” considerando que mais de cinco professores marcaram seu período durante o ensino superior positivamente.

Paulo Freire (2017) discorre que cada professor conduz seu trabalho de uma forma e ao passar pela vida de seus alunos os professores deixam marcas, gerando nos alunos percepções acerca das ações dos professores. O autor também entende que o professor não precisa se apegar apenas à visão que o aluno tem dele, uma vez que esse pensamento pode não ser condizente com a prática real, sendo que esta é uma percepção pessoal.

Contudo, Morales (2001) pondera que a visão que o aluno tem do professor não é uma regra a ser seguida, mas pode ser vista como um direcionamento, a fim de estabelecer melhorias na relação e conseqüentemente influir no processo de aprendizagem do aluno.

**Oitava pergunta: Com base no conceito apresentado no início do questionário, qual o seu entendimento sobre: a influência da afetividade para o processo de ensino-aprendizagem?**

As respostas foram unânimes em considerar a influência da afetividade relevante para o processo de ensino-aprendizagem.

Vale destacar a resposta do participante A5, ao discorrer que:

*O desenvolvimento afetivo faz parte do indivíduo desde seu nascimento e acompanha durante sua vida. Por isso, o processo de ensino-aprendizagem reflete a forma do aprender.*



A visão da participante corrobora com a teoria de Wallon (1977) que concebe a afetividade em todas as fases do ser humano, desde o seu nascimento até a fase adulta, e entende que a afetividade se manifesta de maneiras distintas conforme a fase que o indivíduo se encontra. Ainda, nesse sentido, o autor entende de suma importância considerar as manifestações afetivas para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, deve haver preocupação com o desenvolvimento total do aluno, e isso vai além do motor e do cognitivo.

Nesse sentido o participante A3 opinou a respeito:

Quando há a relação entre professor/aluno, esse aluno tende a se sentir mais motivado, integrado, se sente mais seguro e como consequência melhora o seu desempenho escolar.

Acerca da resposta apresentada, Rogers (1977) considera que o aluno deve ser o centro do processo de ensino-aprendizagem, e fazer com que ele sinta-se seguro é dos mecanismos a serem desenvolvidas pelo professor, que também instigará a motivação do aluno. Atitudes como essas são defendidas na teoria do autor supracitado.

Ante o exposto, nota-se que as respostas do questionário aplicado estão em consonância com o estudo bibliográfico realizado no decorrer do presente trabalho.

### Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva do aluno da Educação Superior.

Por meio dos objetivos específicos, realizou-se um estudo bibliográfico acerca da temática, onde a afetividade foi conceituada e relacionada com a aprendizagem.

A problemática envolveu desvendar qual seria a influência da afetividade na aprendizagem, conforme o pensamento do aluno da Educação Superior, e isso foi permitido por meio da pesquisa de campo

exploratório, momento pelo qual, foi dada voz aos alunos, que discorreram acerca da temática ao responder o questionário.

Ao longo do trabalho, foi possível analisar a forma como os alunos pensam a respeito, e depreender que a afetividade é vista pelos alunos como um tema a ser levado em consideração para a efetivação de sua aprendizagem.

Assim, a afetividade deve ser considerada parte do ambiente educacional, e a qualidade das relações estabelecidas têm grande influência no processo de aprendizagem dos alunos, na qual, sendo positivas, os impulsionam, tornando-os seguros, motivados e melhorando seu desempenho.

Deste modo, este trabalho não tem a pretensão de esgotar a temática. A expectativa é ampliar a compreensão e o conhecimento do leitor sobre a importância da presença da análise da afetividade para o contexto da Educação Superior.

### Referências

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ALMEIDA, Laurinda; MAHONEY; Abigail. **Afetividade e processo de ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostras de domicílios**. Brasília – DF, 2016. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Taguatinga-1.pdf>> Acesso em: 26/ago/2018.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos voltado para a educação. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 2001.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 8 ed. Editora Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GALVÃO, Izabel. **Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon**. In: ARANTES (Org); **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. p. 71 – 88.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 27 ed. São Paulo: Summus, 2016.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. Tradução: Gilmar Saint'Clair Ribeiro. Revisão: Regina Faria Menin. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Título original: *La relación profesor-alumno en el aula*.

OLLERTON, Mike. **Relacionamentos positivos em sala de aula**. Tradução: Adail Sobral e Anselmo Lima. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2006.

PILLETI, Nelson. **Aprendizagem**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. 1 ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. Tradução: Edgar Godoi da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 4 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

UNIPROJEÇÃO. **Centro Universitário Uniprojeção**: dados institucionais. Brasília –

DF, 2018. Disponível em: <<https://projecao.br/Faculdade/Institucional/23524/o-projecao#23525>> Acesso em: 26/ago/2018.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Claudia Berliner. Revisão técnica: Izabel Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: *L'évolution psychologique de l'enfant*.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança**. Tradução: Ana Rabaça e Calado Trindade. Revisão: José Pacheco. Lisboa: Editorial Veja, 1979. Título original: *Psychologie et l'éducation de l'enfance*.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.